

Mal-Pensar

J. Roberto Whitaker *Penteado*

A linguagem é um jogo conjunto, de quem fala e de quem ouve, contra as forças da confusão.
- N. Wiener

Estava meio que assistindo ao noticiário da TV, de manhã, e ouvi o seguinte: - Depois do acidente, o barco continuou a navegar, porém sem controle. Pensei: um barco descontrolado não está navegando; mas apenas flutuando, à deriva, como - acho - se diz. Minutos depois, no mesmo noticiário: - O deputado Luis Greenhalg considerou inadmissível a mensagem do exército e - acrescentou - num governo democrático e popular é mais inadmissível ainda. Novamente pensei: se uma coisa é inadmissível, não pode ser admitida e pronto. Como é que algo pode ser mais - ou menos - inadmissível?

Da observação, passei à reflexão - que compartilho com o leitor: como é que funciona o processo pensamento-linguagem? E mais: como é que funciona o processo linguagem-escrita? Tenho certeza de que cientistas top, como Chomsky e outros, devem ter analisado essas coisas profundamente e não é nessa reflexão técnico-científica que desejo penetrar, num simples artigo. O que me intriga e preocupa é a suspeita de que existe uma relação de consequência e linearidade entre as ações de pensar, falar e escrever. Quem escreve mal, fala mal; e quem escreve e fala mal, pensa mal.

Por exemplo, no uso do acento grave - a crase - sobre a letra A, há pessoas que não o colocam, por distração ou esquecimento, e o que é pior, há as que o colocam incorretamente. Faz pouco, recebi um e-mail que dizia que qualquer coisa aconteceu "à anos" e, no estacionamento do supermercado que frequento, há um cartaz que diz "vaga reservada à deficientes". Ora, meu saudoso professor Carlos Alberto Werneck ensinou-me que "à" é a contração do artigo feminino "a" com a preposição "a", portanto, quando se passa para o masculino vira sempre "ao" (como "vou à igreja" e "vou ao templo") e nunca mais esqueci.

Outra praga é o uso universal (no Brasil) de "ter" no lugar de "haver". A Fundação Roberto Marinho apregoa: "Aqui tem educação". A Petrobras põe cartazes que dizem: "Nessa escola tem Petrobras"; nos postos "tem" Credicard e por aí afora - todas as nossas grandes empresas e suas agências de propaganda usam "tem" no lugar de "há" como se fosse coloquial e muito engraçadinho. Pois não acho. Ter é uma coisa e haver é outra. Um precisa de sujeito e objeto, outro é impessoal. Há isso ou aquilo e uma coisa ou uma pessoa têm isso ou aquilo.

Muitos dos nossos escritores e intelectuais defenderam o direito de os brasileiros mal falarem e escreverem a língua portuguesa (como Raquel de Queiroz, por exemplo, chamando nosso idioma de "caçanje": "...esse caçanje, esses pronomes malpostos, essa língua que lhes revolta os ouvidos é a nossa língua e o nosso modo normal de expressão" - 100 Crônicas Escolhidas, citada por Paulo Rónai). Pois parece-me mais coisa de artista, de quem quer ter liberdade de estilo - e não sintoma de normalidade.

O normal - pelo menos para quem pensa com clareza - é falar com precisão e escrever corretamente.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Mal-Pensar. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, out. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=285&ID=234>>. Acesso em: 14 set. 2009.